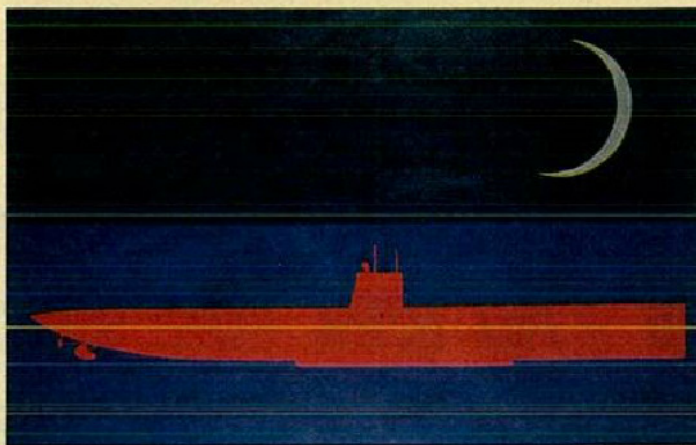


Máquinas de rir

Guto Lacaz brinca com a arte em nova exposição

O catálogo da exposição do arquiteto, designer, escultor, artista plástico e performático Guto Lacaz, de 39 anos, inaugurada na semana passada no Subdistrito Comercial de Arte, em São Paulo, tem como epígrafe uma frase extraída de *O Capital*, na qual Karl Marx diz que "descobrir (...) os múltiplos modos de usar as coisas é um ato histórico". Que ninguém se assuste nem crie falsas expectativas, porém. O artista está longe da sisudez de Marx, que é citado apenas para destacar mais uma vez o talento para descobrir os múltiplos modos de usar as coisas que Lacaz esbanja nessa exposição. Ele já regeu concertos para aparelhos eletrodomésticos, criou uma instalação com 26 aspiradores de pó e agora na melhor tradição do nonsense do francês Marcel Duchamp — que tem uma sala especial na 19.ª Bienal de São Paulo — Lacaz mostra 35 peças que incluem pinturas, objetos, montagens e máquinas. Uma brincadeira atrás da outra.

Irreverente e sem preconceitos, Lacaz usa, além de materiais tradicionais, objetos menos nobres, como cotonetes, palitos e cliques para papel. Suas sugestões são retiradas de rótulos de produtos industriais, fotos jornalísticas e, na maioria das vezes, de um universo pessoal e intransferível. Não falta sequer a surpresa de pinturas como os trabalhos mais bem comportados da exposição. *Submarino Nuclear em Noite de Luar* é uma dessas obras que, apesar da sua qualidade, parecem estar na exposição apenas para provar que Lacaz sabe pintar. Mas nem esse acesso de bom-mocismo dura muito. Em *Hashi* a tela é substituída por um disco, que vira um prato de comida ja-



Submarino Nuclear em Noite de Luar: prova de pintura

ponesa. Uma mão empunha um par de pauzinhos de comer como o substituto do braço de um toca-discos.

"ENTREI DE GAIATO" — As coisas começam a esquentar com as máquinas inúteis criadas pelo artista. Dotadas de movimento, são todas absolutamente desprovidas de função, a não ser a de divertir o espectador. A melhor delas é *O Ébrio*, um carrinho movido a pilha que deixa um traço na superfície do papel onde circula. Basta ligar e ele sai desgovernado sobre o papel — uma atração sobretudo para as crianças, que vêm na exposição um salão de brinquedos. Outro objeto-brinquedo, que não liga na tomada mas diverte da mesma forma, é um ferro de passar roupa de cabeça para baixo, com um ovo frito na chapa.



Hashi

High Tegg é o título, um trocadilho com as palavras alta tecnologia e ovo em inglês. O mesmo humor presente em *Rádios Pescando*, um conjunto de oito rádios cujas antenas foram transformadas em varas de pescar.

Lacaz experimenta também com colagens, sem abandonar a esfera do absurdo. Três cartazes na exposição parodiam a grande tradição americana do "faça você mesmo". Coisas úteis? Não. Ele sugere *Faça*

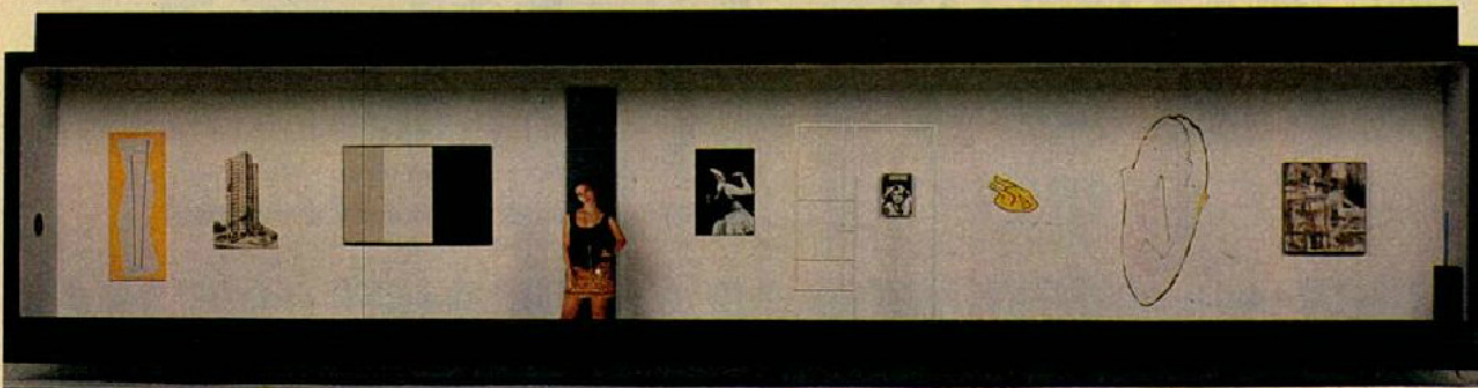
Você Mesmo Este Submarino Nuclear em Quinze Etapas, uma seqüência de imagens totalmente desconexas que termina com um oficial olhando por um periscópio. Na legenda, emprestada dos Paralamas do Sucesso, lê-se: "Entrei de gaiato no navio. Entrei, entrei, entrei pelo cano".

A vedete da exposição é *Salão Nacional*, trabalho no qual Lacaz dá sua versão do Salão

Nacional de Artes Plásticas, organizado anualmente pela Funarte, fazendo alguns comentários e alterações que refletem suas predileções. No último salão, por exemplo, o grande premiado foi o pintor Carlito Carvalhosa, um dos integrantes do grupo Casa 7, de São Paulo. No salão de Lacaz ele é trocado por outro representante do grupo, o pintor Fábio Miguez. Os pintores Dudi Maia Rosa, Cássio Michalany e Baravelli também são representados, em versões alteradas. Na mesma obra, uma caixa de 1,45 metro de comprimento, ele faz algumas homenagens pessoais — ao ator Patrício Bisso, à revista *Around*, que Lacaz ajudou a criar, e ao papa dos grafiteiros nacionais, Alex Vallauri, falecido em março deste ano. Há também um trabalho que o artista define como sendo "o de um artista de feira hippie que entrou no Salão por engano". Mas o que mais chama a atenção é a presença da pintora paulista Leda Catunda. Enquanto todos os homenageados estão representados por obras, ela, já chamada pela imprensa de "os mais belos joelhos da arte brasileira", está representada por uma foto giratória, que se reflete em um espelho.

High Tegg: humor

J.C.G.



Salão Nacional: comentários, alterações e homenagens na versão de Lacaz para o evento anual da Funarte